

## A primeira vez

Joaquim Coelho

Sempre encarei o meu trabalho de auxiliar de acção médica como uma coisa temporária.

Mas da primeira vez que impedi um paciente de se suicidar no hospital psiquiátrico onde agora trabalho, percebi que, se calhar, não se tem obrigatoriamente só uma profissão na vida.

Ao fazer as observações intervaladas de quinze minutos ao quarto número 1 (às onze e quinze minutos, precisamente), dei-me conta que A.J., uma paciente que chegara no dia antes, não estava no quarto. Ou que, pelo menos, não estava à vista.

A minha primeira reacção – natural – foi pensar que poderia estar no pátio, a fumar com os outros doentes ou em qualquer outro lugar do hospital. Afinal de contas, os doentes não são obrigados a estar constantemente nos seus quartos.

Mas, seguindo um pressentimento esquisito – e, pelo sim pelo não – abri a porta do quarto e, chamando-a pelo nome, entrei.

Puxei imediatamente o alarme que trazia à cintura e o som típico do mesmo, “a corneta das desgraças”, como carinhosamente lhe chamo, desapareceu, ruidoso como é seu dever, ouvindo-se por todo o hospital.

Lembro-me de pensar “oh pá, esta gaja vai lixarme o dia.” enquanto tentava desesperadamente enfiar os meus dedos entre a pele e o fio eléctrico – um fio eléctrico de rádio, daqueles normalíssimos, com uma ficha na ponta para ligar a uma tomada? Isso mesmo. – dizia eu?... ah sim, o fio eléctrico que ela apertara à volta do pescoço, já marcado com inúmeras cicatrizes de outras tantas inúmeras tentativas.

E, enquanto olhava para aquela cara já claramente adornada de tons de azul, a única coisa que eu conseguia pensar era: “esta tipa não pode morrer... vai-me estragar a porra do dia”. E, pior ainda, vou passar o resto da vida a responder a inquéritos e investigações nos tribunais ingleses.

Confesso: a verdade é que tudo o que me saía boca afora eram palavrões, todos demasiado ofensivos para poderem ser repetidos neste espaço e a ideia assustadoramente clara que eu desempenhava – naquele momento decisivo – um papel com uma importância que dificilmente voltaria a ter em toda a minha vida.

Lá consegui, por fim, inventar um pouco de espaço para inserir uma das pontas de aço arredondado da tesoura de serviço. Tudo corria a mil à hora e os membros da equipa, alertados pelo alarme, começavam a chegar ao quarto número 1: eu, já a tentar cortar o fio eléctrico e ela, jovem, pequenina e magra; de cabelo cinzento-estranho e carinha azul, sentada no chão, aos pés da cama, com um casaquinho de lã preta pelos ombros (“deve ser para se proteger do frio no outro mundo” lembro-me de ironizar).

Alguém ordenou que se fosse buscar oxigénio no preciso instante em que, impotente perante o poder das mandíbulas da tesoura, o malfadado fio cedeu finalmente, num “SNAP” que abriu os pulmões a todos os presentes e nos permitiu, também a nós, expirar. Finalmente.

Não seria desta, ainda.

Ainda sob o efeito da adrenalina, controlei o melhor que pude, mas sem grande sucesso, o tremor que me agitava da cabeça aos pés e voltei ao meu trabalho.

Ao fim do dia, antes de me ir embora, passei de novo pelo quarto número 1 e ela, agora com um auxiliar permanentemente sentado à sua cabeça, dormia tranquilamente como se nada se tivesse passado. Vinda lá de um fundo incerto, pelo corredor deserto, uma melodia ressoava:

“But maybe I’m crazy,  
maybe you’re crazy,  
maybe we’re crazy  
probably...”

Woodlands, Hastings - 04/07/2014